

CASTANHEIRA, Ludmila. Performance Arte: modos e existência. Campinas: Unicamp; doutorado; Verônica Fabrini. UEM. Professora colaboradora. Performer.

RESUMO:

O presente artigo considera a amplitude do campo da performance e opta por abordar esta manifestação segundo o viés do corpo. Para o que, recorta características recorrentes das ações apresentadas nos Festivais de Apartamento.

Palavras-chave: performance: corpo: modos de existência

ABSTRACT:

This article considers the magnitude of field performance and chooses to address this manifestation after the body of subject. For that cuts recurrent features of the shares presented in Apartment festivals.

Keywords: performance: body: modes of existence.

Se há algo de definitivo no que se refere ao campo da performance, é sua labilidade. Conforme aponta Shechner (apud Ligiéro, 2012, pp.13-14):

A cascavel sidewinder se move através do solo do deserto ao contrair e estender-se num movimento lateral. Para onde quer que este bonito réptil aponta, não vai lá. Tal falta de direção é característica dos estudos da performance. Este campo de estudo, muitas vezes, brinca com o que não é, enganando aqueles que querem corrigi-lo, assustando uns, divertindo outros, surpreendendo alguns como a cascavel no seu caminho através dos desertos da academia.

A metáfora empregada por Sechner refere-se tanto à diversidade de trabalhos artísticos em performance, como aos modelos de comportamento humanos, performados combinações e recombinações. Ele é a evidência de um panorama vasto e da inviabilidade explorá-lo com finalidades de catalogação.

Uma alternativa possível ao adentrar tamanha vastidão, é abordá-la segundo determinadas lentes nas quais estão presentes as inquietações e vivências de cada pesquisador¹/artista. Nessa pesquisa, a escolha é por tratar da performance segundo o caráter do o corpo enquanto suporte da arte. Tal

¹ Escrever pronomes com x é uma maneira de indeterminar e incluir. A iniciativa surge em grupos que buscam abranger *crossdressers*, transgênerxs e toda a sorte de práticas de gênero e sexualidade sob o mesmo *status*, invés de subjugadas ao modelo heteronormativo pautado nos insuficientes padrões de “homem” e “mulher”. A discussão atualizada entende que também o “x” obedece a uma ordem binária (<http://naobinario.wordpress.com/2014/11/01/deixando-o-x-para-tras-na-linguagem-neutra-de-genero/>). Acesso em 04 de setembro de 2014) e milita por uma escrita neutra. Proponho-me a realizar esse exercício, mas admito o “x” sempre que não puder concluí-lo.

escolha está embebida em minha vivência junto aos Festivais de Apartamento, estes que pedem algumas linhas a seu respeito, antes que prossigamos.

Os *Apartament Festivals* ocorreram em cidades do Canadá, Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, Itália, França e Holanda nas décadas de 80 e 90, e eram eventos em que artistas ocupavam casas e prédios inteiros com a intenção de expor seus trabalhos e fazer performance. Os neoístas² escreveram manifestos que defendiam o plágio criativo e a supressão da ideia de autoria, fundada na identidade múltipla, Monty Cantsin, com a qual assinavam suas obras.

Em 2007, um grupo de artistas do qual faço parte retomou as ideias neoístas ocupando residências no interior de São Paulo com performances que não passavam pela eleição curatorial: bastava que os artistas preenchessem uma ficha de inscrição bastante simples, e comparecessem ao festival. O evento, em sua XIV edição, segue a mesma premissa, prescindindo, deliberadamente, de apoios financeiros de quaisquer naturezas. As casas de artistas são ocupadas com sua permissão e já nos abrigaram e no interior de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, tornando o festival itinerante e corroborando com o plano de descentralização das produções em performance.

Xs performers que participam dos Festivais de Apartamento, assim como nós, organizadorxs, deslocam-se até o local do encontro às próprias expensas. O evento, no qual garrafas de vinho são bem-vindas, ainda que não obrigatórias, cumpre ser um misto de mostra e festa, e constitui-se de uma noite inteira de apresentações concomitantes pelos cômodos e áreas externas da casa. Mais pela necessidade de saciar a fome que pelo desejo de estabelecer tradição, os Festivais de Apartamento têm terminado num café da manhã conjunto na padaria mais próxima, em que artistas, participantes e organização, inevitavelmente, trocam impressões sobre o evento.

Embora recebamos trabalhos virtuais como vídeos ou aqueles cuja participação se dá de modo telemático, mesmo nesses casos, a presença de

² Movimento artístico nebuloso quanto aos seus propósitos e do qual quase não se têm registros. Algumas informações podem ser encontradas no livro "Assalto à Cultura: utopia, subversão e guerrilha na (anti) arte do século XX" (Conrad Editora, 1999), de Stewart Home, sob a perspectiva do autor, que se inclui e satiriza o grupo.

alguém, responsável por operar o equipamento necessário é a condição para que se apresentem. A presença de artistas e público/participantes é imprescindível para que o evento ocorra.

O contexto em que se viaja trazendo sacos de dormir, produtos de higiene pessoal, além dos materiais utilizados na performance, tem favorecido que os Festivais de Apartamento recebam performances “que cabem no bolso”: ações que se concretizam a partir do corpo objetos comuns ao cotidiano, passíveis de serem encontrados nas casas que abrigam os festivais. Nestes casos, as performances são, conforme sua característica aberta, passíveis de leituras múltiplas. Porém, esses artistas parecem sublinhar que suas performances são materializações no corpo próprio das insatisfações/ reflexões sobre o entorno. Ou, como dito anteriormente, tomam o corpo como suporte da arte.

Esse traço de negociação em que o corpo é objeto/suporte/discurso/resíduo, auxiliado nessa empreitada por pouco ou nada além de si, me leva a pensar tais performances como inquietações suficiente fortes para fazer agir: são testemunhos e confissões sobre o vivido e o porvir. Borram-se os limites entre arte e vida. A performance então se converte num modo de existência enquanto fruição política.

A despeito das forças de homogeneização³, afeitas ao capitalismo, e que têm buscado nos demover das nossas responsabilidades na criação do mundo⁴, a performance tem mobilizado práticas e artistas em afetações

³ As disciplinas do corpo e as regulações da população são os dois pólos a partir dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. O adestramento do corpo, a gestão da vida, o controle dos gestos e das ações tinha por meta não só o aproveitamento máximo das potencialidades humanas como também a neutralização da resistência ao poder: aumentar a força econômica e diminuir a força política. Garantir, sustentar, reforçar, multiplicar a vida e pô-la e ordem, discipliná-la. Normatizar todas as instâncias da vida de forma a controlar o imprevisível. O desenvolvimento do capitalismo tinha como elemento indispensável o biopoder, de forma a garantir uma inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e um ajustamento dos fenômenos da população aos processo econômicos (Oliveira, 2009, pp.23-24).

⁴ Não costumamos ver a política como experiência do poder compartilhado que implica deveres e direitos para todos. Preferimos vê-la como uma coisa suja e corrupta, e assim liberamo-nos de nos envolver com ela. A condição política enquanto condição democrática, que interessaria a todos porque seria boa para todos, visaria a emancipação dos cidadãos singulares que se tornariam criativos de suas próprias vidas como seres sociais. Não há política fora dessa construção que implica o singular e o comum a todos. Mas em nossa postura individualista - ela mesma uma negação do singular - só conseguimos inventar o clima antipolítico fingindo no contexto da lógica do "não é comigo". Nem o voto escapa dessa lógica. (TIBURI, Márcia. Luciana Genro - Direito ao voto como direito a pensar e agir politicamente. Disponível em:

constantes, que tomam para si – enquanto indivíduos e enquanto pertencentes⁵ de um espaço/tempo – o encargo de responder, desmontar, debochar, reinventar a apatia, elaborar comentários, problematizar e, sobretudo, criar determinadas condutas. Estes são mecanismos que estabelecem um “viver em performance”. Dito de outra maneira, inscrevem o mundo no corpo próprio⁶ e reestabelecem a vontade política:

A ideia de criar uma zona autônoma em que se suspenda, mesmo que momentaneamente, o controle sobre a vida, que fuja à égide do biopoder é uma forma de resistência que tem sido largamente utilizada. A desordem não prevista, a indisciplina dos corpos, abala as estruturas da sociedade de controle. ‘Os corpos estão se tornando por demais indisciplinados’, anota George Monbiot. A oposição, tal como proposta, exige uma renovação constante de táticas e ações já que o capitalismo atual apresenta, como uma de suas características mais latente, a capacidade de incorporação de suas partes dissidentes (Oliveira, 2009, p.34).

As performances, mesmo quando lidam com aspectos sutis e de comunhão, parecem ter origem nos espasmos reflexos, na luta por espaços em ambientes claustrofóbicos, nas situações que nos impelem à ação.

Retomo a ideia de ação pretendendo sacudí-la de modo que vá além – na verdade, aquém – do que postulou Aristóteles ao detectá-la como essencial ao drama⁷. Busco me reportar à ação diária, aquela ao alcance de nós todos, estejamos conscientes delas ou não: as que vão desde o destino que damos ao lixo que produzimos, passando pela qualidade de nossas relações interpessoais até o voto concedido a determinados representantes. Penso na ação cotidiana, que engendra escolhas e, portanto, universos possíveis.

http://www.brasilpost.com.br/marcia-tiburi/luciana-genro-direito-ao-voto-como-direito-a-pensar-e-agir-politicamente_b_5864728.html. Acesso em 22 de setembro de 2014).

⁵ O performer suspende o que há de automatismo, hábito, mecânica e passividade no ato de pertencer ao mundo, pertencer ao mundo da arte e pertencer ao mundo estritamente como "arte". Um performer resiste, acima de tudo e antes de mais nada, ao torpor da aderência e do pertencimento passivos. Mas adere, acima de tudo e antes de mais nada, ao contexto material, social, político e histórico para a articulação de suas iniciativas performativas (Fabião, 2013, p.05).

⁶ Ora, tudo o que se diz do corpo sentido repercute sobre todo o sensível de que faz parte e sobre o mundo. Se o corpo é um único corpo em suas duas fases, incorpora todo o sensível e, graças ao mesmo movimento, incorpora-se a si num “Sensível em si” (Ponty, 1971, p.134).

⁷ Para Aristóteles, a Beleza se funda com base na harmonia e desarmonia (grandeza e proporção) e na ação. O Trágico e o Cômico estariam, então, ligadas às artes da ação, pelo que, configurariam o que chamamos teatro. Assim, antes de, no século XVII, converter-se em gênero, drama era sinônimo das artes que se concretizavam a partir da ação (Suassuna, 1977, pp. 122-123). Grifo nosso.

Neste sentido, agir não é um privilégio de artistas. Da mesma forma, a ação não é prerrogativa da arte, assim como agir por meio dela não nos torna humanos especiais: alguns de nós vamos para as ruas, outros dão aulas, há os que escrevem, alguns fazem arte. Nenhuma dessas categorias está acima das demais. E todas elas estão circunscritas no postulado schechneriano⁸ do “Ser /Fazer /Mostrar-se fazendo”, tornando claro, uma vez mais que “viver em performance” não se restringe ao momento da apresentação, mas é inseparável da vida ordinária e comum.

Nada de novo acrescento ao olhar do antropólogo, mas destaco que as diversas performances a que ele se refere, tanto as artísticas como as comportamentais, têm sua convergência no corpo. Dessa forma, ajudam a pensar os tênues limites entre arte e vida: a performance engendra modos de existência, além de configurar escolhas possíveis para fluir a existência como ação política. Viver é um ato político. E viver em performance é restituir nossa vontade de ação política.

BIBLIOGRAFIA:

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: O corpo-em-experiência. **ILINX. Revista do LUME**. Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais. UNICAMP. n. 4, dez 2013.

LIGIÉRO, Zeca. **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Mauad: 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Visível e o Invisível**. Perspectiva: São Paulo, 1971. Tradutores: José Artur Gianotti e Armando Mora D’Oliveira.

NOTA, Juno. **Deixando o X para trás na linguagem neutra de gênero**. Disponível em: <http://naobinario.wordpress.com/2014/11/01/deixando-o-x-para-tras-na-linguagem-neutra-de-genero/>. Acesso em 04 de setembro de 2014.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa. **Corpos indisciplinados. Ação cultural em tempos de biopolítica**. Editora Beca: São Paulo, 2009.

SCHECHNER, Richard. **O que é performance**. No site: Hemispheric Institute – Instituto Hemisférico de Performance e Política: <http://hemisphericinstitute.org/hemi/en/courses/perfconq04/materials/text/Oque>

8

http://hemisphericinstitute.org/hemi/en/courses/perfconq04/materials/text/OqueePerformance_Schechner.htm. Acesso em 10 de setembro de 2009.

ePerformance_Schechner.htm.rio/perfconq04/materials/text/OqueePerformanc
e_Schechner.htm. Acessado em 10 de Setembro de 2009.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**. José Olympio: Rio de Janeiro, 1972.

TIBURI, Márcia. **Luciana Genro - Direito ao voto como direito a pensar e agir politicamente**. Disponível em: http://www.brasilpost.com.br/marcia-tiburi/luciana-genro-direito-ao-voto-como-direito-a-pensar-e-agir-politicamente_b_5864728.html. Acesso em 22 de setembro de 2014).